

Pré-história Brasileira e Arte Indígena

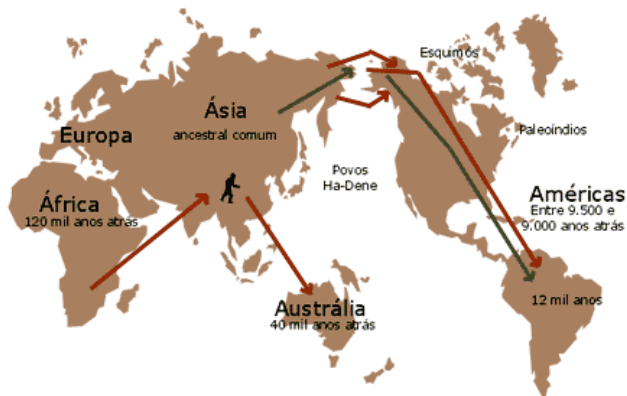
De 12.000 a 50.000 A.P - O início do povoamento

Quando teve início a História Humana Brasileira? Quais foram os primeiros grupos a ocuparem o país, e quando eles chegaram? Como eram? De onde vieram? Por outro lado, como era o Brasil milênios atrás?

Estudos indicam que o clima, a vegetação, a fauna e o relevo possuíam características diferentes das atuais, sendo que os primeiros grupos, denominados Paleo-índios, vivenciaram e se adaptaram a essas modificações ambientais.

Todas essas discussões são inauguradas, através de uma viagem à região de São Raimundo Nonato, no Piauí. Lá foram encontrados vestígios humanos com mais de 40.000 anos de idade, motivando uma grande discussão científica sobre o início do povoamento no Brasil e nas Américas.

Em 1992 uma notícia fez tremer a comunidade científica brasileira. Escavações realizadas pela arqueóloga Niède Guidon no sítio Boqueirão da Pedra Furada, no Piauí, revelaram a data mais antiga até então alcançada pela arqueologia nacional: 48.000 anos. Esse mesmo sítio já havia fornecido várias datas, indicando uma seqüência de ocupações humanas que se iniciava em 6.000 anos e recuava no tempo, até atingir, nas camadas mais profundas das escavações, acima de 30.000 anos de idade. E chegou a 48.000.



Mapa com as prováveis rotas migratórias do Homem rumo ao continente americano.
Cortesia: Setor de Antropologia Biológica do Museu Nacional do Rio de Janeiro



Passarela metálica permite ao visitante do Parque Nacional da Serra da Capivara inesquecível passeio pela arte pré-histórica.
Foto: Erika González

Muitas discussões ocorreram e continuam ocorrendo até hoje. Essas datas colocaram em cheque a teoria da chegada do homem nas Américas, que estimava o início da ocupação por volta de 12.000 anos atrás. Este momento correspondeu ao período final da última grande glaciação terrestre, que formou uma ponte de gelo no Estreito de Behring, unindo o extremo nordeste da Ásia ao Alasca. Grupos de caçadores especializados, acompanhando as manadas de mamutes, teriam passado pela "ponte" e, assim, iniciado a ocupação das Américas. Dos planaltos norte-americanos teriam iniciado sua migração rumo ao sul, espalhando-se por todo o continente e alcançando o Brasil por volta de 10.000 anos atrás.

Sem dúvida, todo esse processo de ocupação de fato ocorreu. O problema é que, com uma data de mais de 12.000 anos no Brasil, a passagem pelo Estreito de Behring não teria marcado o início da ocupação humana nas Américas. Seria apenas mais uma das diversas vias de acesso que para aqui afluíram.

Assim, o povoamento das Américas teria sido realizado de forma muito mais complexa do que até então se imaginava. É possível que tenham ocorrido migrações muito mais antigas pelo próprio Estreito de Behring ou, então, que tenham sido utilizadas rotas alternativas.

Desta forma, a questão novamente fica no ar: como e quando tudo começou? Mas não é apenas a questão da data que tem incomodado os cientistas. Eles também se perguntam: quem eram estes primeiros homens que aqui chegaram?

Por outro lado, é notável que estes homens do Pleistoceno já haviam desenvolvido formas artísticas de comunicação: algumas das pinturas presentes no sítio Boqueirão da Pedra Furada, no Piauí, foram datadas entre 12.000 e 29.000 anos.

A arte desses caçadores do Pleistoceno mostram figuras humanas em movimento, revelando diversas cenas do cotidiano.

A luta, a caça, a dança e o sexo ilustram diferentes painéis. As figuras humanas seguram armas como bastões

e propulsores, carregam cestas, dançam em volta de uma árvore.

Algumas pinturas parecem indicar momentos cerimoniais, mas é impossível ao arqueólogo interpretá-las. Também animais aparecem com frequência, como emas, tucanos e veados.

A cor vermelha predomina, embora estes artistas também tenham utilizado o branco, o amarelo, o preto e o cinza. A técnica utilizada revela um traço leve e seguro.

Até há pouco tempo, pressupunha-se que os habitantes das Américas teriam resultado de 3 ondas migratórias: uma de populações asiáticas, outra de grupos que teriam originado os chamados povos Na-Dene, que ocupam a porção noroeste da América do Norte, e outra que teria originado os Esquimós. Mas a reconstrução da face de Luzia, alguns anos atrás, trouxe novas variáveis.

Recentemente Luzia foi apresentada ao grande público e apareceu estampada na capa de revistas famosas, no Brasil e no exterior. A partir de um crânio datado em 11.500 anos e retirado de escavações feitas na região de Lagoa Santa (MG), foram modelados os tecidos musculares, a pele e os demais órgãos. E o resultado surpreendeu muita gente: Luzia apresenta, de fato, traços muito mais parecidos com os grupos que habitavam a África e a Austrália, do que com aqueles típicos nos grupos asiáticos. Luzia traz à tona a possibilidade de ter havido pelo menos mais uma onda migratória para as Américas, e desta vez por grupos da Ásia central que descendiam diretamente dos primeiros seres humanos modernos, vindos da África. E isto, certamente, teria ocorrido dezenas de séculos antes de 12.000 anos.

Ainda hoje a data de 48.000 anos obtida em São Raimundo Nonato é a mais antiga do Brasil, e muitos especialistas continuam discutindo sua validade. O importante, contudo, é que ela não é mais a única. Em Minas Gerais escavações realizadas no sítio Lapa Vermelha forneceram datas que recuaram até 25.000 anos. O mesmo ocorreu recentemente no sítio Santa Elina, em Jangada (Mato Grosso) para o qual foi confirmada a data de 25.000 anos. Datações entre 15.000 e 12.000 anos são um pouco mais comuns, tendo sido obtidas nos sítios Alice Boer (São Paulo), Abrigo Santana (Minas Gerais), Abrigo do Sol (Mato Grosso) e Arroio dos Fósseis (Rio Grande do Sul). Isto sem falar nas datações também antigas obtidas em outros países da América do Sul. Assim, não há mais dúvida de que o homem alcançou as Américas (e o Brasil) muito antes do que se imaginava, ocupando o território ainda durante o chamado período Pleistocênico, que se caracterizou por uma grande instabilidade ambiental: o clima era mais seco e as temperaturas sensivelmente mais baixas, havia poucas manchas de florestas e grande parte do Brasil era formada por campos de vegetação baixa (cerrados e caatingas).

Todavia, quase nada se sabe, ainda, sobre estas populações. Seus vestígios são raros e difíceis de encontrar, já que correspondem aos primeiros bandos nômades de caçadores que começaram a percorrer o país, avançando muito lentamente. Restos de suas ocupações estão sempre enterrados a grandes profundidades, e poucos sobreviveram ao tempo. As escavações encontram, geralmente, apenas tênues manchas de fogueira e poucos fragmentos de pedra, pobremente lascados.

O Brasil possui valiosos sítios arqueológicos em seu território, embora nem sempre tenha sabido preservá-los. Em Minas Gerais, por exemplo, na região que abrange os municípios de Lagoa Santa, Vespasiano, Pedro Leopoldo, Matosinhos e Prudente de Moraes, existiram grutas que traziam, em suas pedras, sinais de uma cultura pré-histórica no Brasil. Algumas dessas grutas, como a chamada Lapa Vermelha, foram destruídas por fábricas de cimento que se abasteceram do calcário existente em suas entranhas. Além dessas cavernas já destruídas, muitas outras encontram-se seriamente ameaçadas.

Das grutas da região, a única protegida por tombamento do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é a gruta chamada *Cerca Grande*. Ela é considerada importante monumento arqueológico por causa de suas pinturas rupestres e de fósseis descobertos em seu interior, indicadores de antigas culturas existentes em nosso país.



A polêmica Luzia, recentemente apresentada ao grande público: a primeira brasileira.

Cortesia: Setor de Antropologia Biológica do Museu Nacional do Rio de Janeiro

MAPA DE LOCALIZAÇÕES DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS JÁ ESTUDADOS NO BRASIL

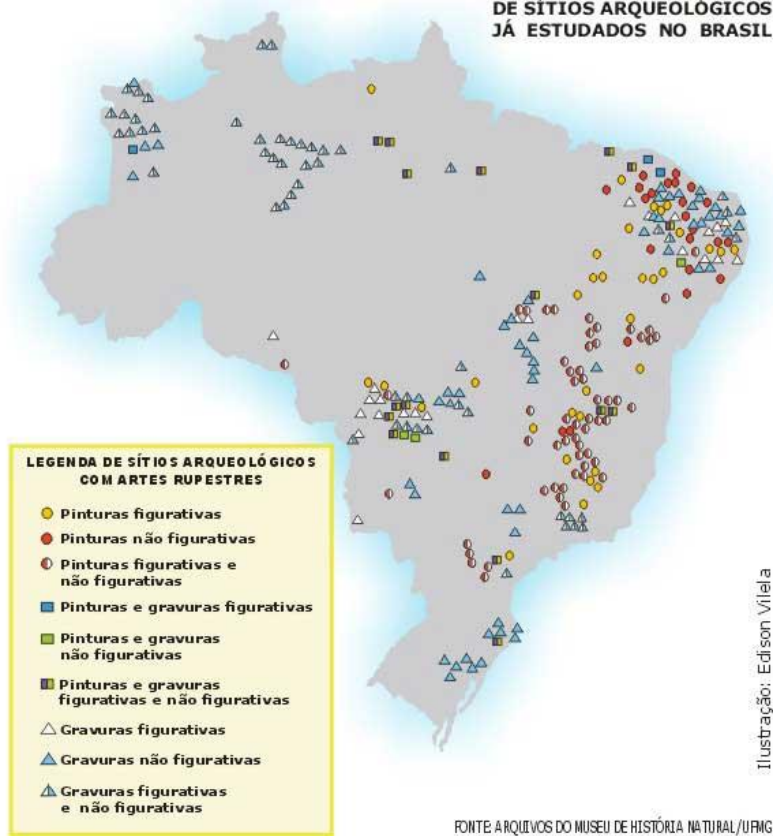


Ilustração: Edison Vilela

FONTE: ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL/UFMG

Mapa da localização dos sítios arqueológicos já pesquisados no Brasil.

<http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq03.shtml>

Naturalismo e Geometrismo: as duas faces da arte rupestre no Brasil

No sudeste do Estado do Piauí, município de São Raimundo Nonato, há um importante sítio arqueológico onde, desde 1970, diversos pesquisadores vêm trabalhando.

Em 1978, uma missão franco-brasileira coletou uma grande quantidade de dados e vestígios arqueológicos. Esses cientistas chegaram a conclusões esclarecedoras a respeito de grupos humanos que habitaram a região por volta do ano 6 000 a.C., ou talvez numa época mais remota ainda. Segundo as pesquisas, os primeiros habitantes da área de São Raimundo Nonato - provavelmente caçadores-coletores, nômades e seminômades - utilizavam as grutas da região como abrigos ocasionais. A hipótese mais aceita, portanto, é a de que esses homens foram os autores das obras pintadas e gravadas nas grutas da região.

Os pesquisadores classificaram essas pinturas e gravuras em dois grandes grupos: **obras com motivos naturalistas e obras com motivos geométricos**. Entre as primeiras predominam as representações de figuras humanas que aparecem ora isoladas, ora participando de um grupo, em movimentadas cenas de caça, guerra e trabalhos coletivos. No grupo dos motivos naturalistas, encontram-se também figuras

de animais, cujas representações mais frequentes são de veados, onças, pássaros diversos, peixes e insetos. As figuras com motivos geométricos são muito variadas: apresentam linhas paralelas, grupos de pontos, círculos, círculos concêntricos, cruzes, espirais e triângulos.

A partir do estudo dos vestígios arqueológicos encontrados em São Raimundo Nonato, os estudiosos levantaram a hipótese da existência de um estilo artístico denominado Várzea Grande). Esse estilo tem como característica a utilização preferencial da cor vermelha, o predomínio dos motivos naturalistas, a representação de figuras antropomórficas e zoomórficas (com corpo totalmente preenchido e os membros desenhados com traços) e a abundância de representações animais e humanas de perfil. Nota-se também a freqüente presença de cenas em que participam numerosas personagens, com temas variados e que expressam grande dinamismo.

As pesquisas científicas de antigas culturas que existiram no Brasil, a partir das descobertas realizadas no sudeste do Piauí, abrem uma perspectiva nova tanto para a historiografia como para a arte brasileiras. Esses fatos nos permitem ver mais claramente que a história de nosso país está ligada à história do mundo todo, e que as nossas raízes são muito mais profundas do que o limite inicial de uma data, no tão próximo século XV.

Entre **12.000 e 4.000** anos o Brasil começa a ser extensivamente ocupado por grupos que tinham na caça e na coleta sua principal fonte de alimentação. Começa o chamado Período Arcaico. Grupos espalham-se pelo país através de um sistema de vida que variava entre o nômade e o seminômade, deixando seus vestígios em entradas de cavernas, abrigos rochosos, beiras de rio, topos de morros e muitos outros lugares. Alguns desses caçadores chegaram a conviver com animais atualmente extintos (paleofauna), como a preguiça gigante e o tigre-dente-de-sabre.

2000 a 4000 A.P A era da especialização

Os grupos de caçadores e coletores que há pelo menos 15.000 anos ocupam o Brasil começam, neste período, a apresentar um maior crescimento demográfico e a se tornar sedentários. As pesquisas arqueológicas nos mostram evidências de uma organização social bastante forte entre esses grupos, tornando-os capazes de gerar verdadeiros monumentos construtivos. Um bom exemplo disto nos é dado pelos **sítios sambaquis**, encontrados em diferentes porções do litoral brasileiro. Ocupados por grupos principalmente de pescadores, estes sítios podem atingir mais de 50 metros de altura, contendo centenas de enterramentos humanos.



As camadas presentes na parede do sambaqui mostram as diversas fases de sua construção e ocupação.
Foto: Paulo De Blasis.

Monumentos em conchas feitos para durar

Há pelo menos 6.000 anos uma boa parte do litoral brasileiro começou a ser ocupada por grupos que se voltavam a explorar o ambiente marinho, vivendo principalmente da pesca e da coleta de moluscos, embora também caçassem e coletassem diferentes produtos vegetais. Permaneceram ali por quase 5.000 anos, mas foi entre **4.000 e 2.000** que alcançaram seu maior

desenvolvimento. O nome **sambaqui** vem da língua tupi (**tampa = marisco, e ki = amontoado**), e é mais ou menos isto que os sambaquis representam. Grupos que habitaram o litoral tinham o hábito de juntar em um mesmo lugar as coisas que faziam e comiam.

Em um sítio sambaqui encontramos marcas de **fogueiras, de habitações, restos de alimento e dezenas de sepultamentos**. Encontramos, ainda, muitos dos instrumentos que os grupos utilizavam em suas atividades, como **pontas projéteis em osso, lâminas de machado, quebra-coquinhos, agulhas, pesos de rede, anzóis** e outros mais. A intenção de acumular todos estes restos materiais em um único lugar teria tido um objetivo maior: construir o próprio sambaqui. Dia após dia, esses grupos acumulavam conchas e ossos, erguendo uma plataforma que, cada vez mais, se destacava na paisagem.

Mesmo quando a plataforma atingia dezenas de metros de altura, continuavam subindo até seu topo

para amontoar mais materiais. É por causa de todas essas características que, hoje, alguns arqueólogos não consideram mais os sambaquis apenas como um tipo de moradia ou lugar de enterramento de mortos, mas sim como verdadeiros monumentos construtivos, que talvez tivessem servido para demarcar os territórios de ocupação dos grupos, ao longo da costa.

O litoral de Santa Catarina constitui uma das áreas em que os sítios sambaqui existem em grande quantidade. Dezenas deles já foram identificados pelos arqueólogos. Através de amostras de carvão é possível aos pesquisadores saber a data em que esses amontoados estavam sendo construídos e, assim, indicar quais sambaquis foram ocupados ao mesmo tempo.

A partir daí, os cientistas descobriram algo interessante: **em um mesmo período, havia sambaquis de diferentes tamanhos sendo ocupados**. É possível que a altura dos amontoados fosse considerada fator de prestígio: os moradores dos sambaquis mais altos se destacariam daqueles que estavam à sua volta. Provavelmente os grupos que construíram os maiores sambaquis eram também aqueles que tinham maior população. Todos esses indícios sugerem ter havido naquele povo uma forte hierarquização social e política.

Essa diferença social também está bem marcada no enterramento dos mortos. **Em todos os sambaquis existem enterramentos**, em maior ou menor número. Alguns sambaquis apresentam uma quantidade tão grande de sepulturas, que podem ter servido apenas como cemitérios. De qualquer forma, os enterramentos apresentam significativas diferenças entre si. Os indivíduos podem ter sido sepultados sozinhos



No sambaqui Jaboticabeira-II, pesquisadores já identificaram 80 esqueletos. Todavia, estimativas projetam a existência de milhares de sepultamentos no sítio.
Foto: Paulo De Blasis.

ou em grupos de 2, 3, 4 ou mais pessoas. Os corpos podiam ser colocados estendidos, como hoje fazemos, ou então dobrados em posição fetal. Alguns indivíduos foram enterrados com objetos, que provavelmente lhes pertenceram durante a vida, como delicados colares em conchas ou dentes de animais, pontas projéteis e lâminas de machado. Estes objetos provavelmente indicam um status diferenciado que o indivíduo teria tido.

Os povos que habitaram os sambaquis foram exímios canoieiros. Isso explica a presença, nos sítios, **de restos de tubarão, baleia, golfinhos, tartarugas e raias**, alguns deles encontrados apenas em alto mar. Em várias ilhas brasileiras existem sambaquis, e obviamente elas só poderiam ter sido alcançadas com o uso de embarcações.

Além disso, estudos realizados nos esqueletos mostram que os indivíduos tinham membros **superiores mais desenvolvidos que os membros inferiores**, como resultado de um uso e esforço centralizado, típico do remo. Estes grupos também deixaram registros no campo da arte. **Belíssimas peças de pedra, feitas com a técnica do polimento**, foram encontradas nos sambaquis. Apresentam a forma de animais como **golfinhos, peixes, aves e antas** ou têm forma humana, como é o caso do famoso "Ídolo de Iguaçu", proveniente de um sítio no sul de São Paulo.



Gravura rupestre identificada na ilha dos Corais, no litoral de Santa Catarina, distante alguns quilômetros da costa: prova da habilidades naval dos sambaquieiros.
Foto: Paulo De Blasis.

Gravuras em rochas foram encontradas em algumas ilhas de difícil acesso, em Santa Catarina, algumas a mais de 15 km de distância da costa. As figuras são geométricas (traços, círculos, pontos), por vezes sugerindo figuras humanas.

O fato de existirem sambaquis desde o baixo Amazonas até o Rio Grande do Sul (embora estejam ausentes em algumas áreas, como boa parte do Nordeste) sugere que o caminho de expansão tenha sido o próprio mar.

A rota migratória teria partido do **Amazonas, que detém as datas mais antigas e uma seqüência cronológica. A expansão desses grupos teria sido bastante rápida, pois em apenas 500 anos estavam construindo amontoados no Paraná.** Por outro lado, o fato dos sambaquis guardarem características básicas comuns ao longo de todo o litoral indica que teriam mantido uma rede de contatos culturais, visitando-se entre si, mantendo algumas atividades em conjunto,

realizando trocas de objetos, definindo casamentos intercomunitários, e assim por diante. Com certeza, os sambaquieiros mantinham contato também com outros grupos humanos que habitavam o Brasil naquela época, como os caçadores do planalto. Afinal, quem já transpôs a pé a Serra do Mar, que separa o litoral do planalto desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul, pode perceber como estas duas áreas são próximas e acessíveis, embora sejam bastante diferentes em termos ambientais. Os arqueólogos ainda não sabem ao certo o que aconteceu com esses grupos, mas seus sítios desaparecem por volta dos **1.000 anos AP**.

É possível que tenha ocorrido algum processo interno de desestruturação. Sabe-se que mais ou menos no ano **1.000 AP** alguns topos de sambaqui começam a apresentar material cerâmico relacionado a grupos cultivadores do planalto, e talvez a chegada destes grupos tenha contribuído, em maior ou menor grau, para o desaparecimento daqueles. Questões que continuam em aberto na Arqueologia Brasileira.

Aspectos formais da Cerâmica da fase Marajoara, Cultura Tapajônica e culturas da tradição Tupiguarani.

O período da história brasileira conhecido como pré-cabraliano estende-se na faixa histórica anterior à chegada dos europeus ao Brasil (antes de 1500). Caracteriza-se pelo estudo, principalmente, de vestígios arqueológicos dos grupos culturais que habitaram o atual território brasileiro e regiões circunvizinhas.

Convencionou-se datar os artefatos e períodos arqueológicos brasileiros a partir dos dias atuais, do presente até 500 anos, sendo este referente a primeira faixa temporal ou 500 A.P (antes do presente).

O que conhecemos sobre grande parte destes grupos culturais no Brasil advém de escavações arqueológicas de grupos que desapareceram antes da chegada dos europeus, e relatos, tanto escritos quanto imagéticos após o contato, e de analogias com os grupos remanescentes de tribos indígenas.

Segundo o site da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), órgão governamental que estabelece e executa a Política Indigenista no Brasil, temos:

“ O impacto da conquista européia sobre as populações nativas das Américas foi imenso e não existem números precisos sobre a população existente à época da chegada dos europeus, apenas estimativas. As referentes à população indígena do território brasileiro em 1500 variam entre 1 e 10 milhões de habitantes.(..).Esse é um ponto controvertido entre os pesquisadores, pois ainda não há dados suficientes advindos de pesquisas arqueológicas, bioantropológicas e de história indígena enfocando o impacto do contato europeu sobre as populações nativas para que se possa fazer tal afirmativa.(..) Hoje, no Brasil, vivem cerca de 345 mil índios, distribuídos entre 215 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,2% da população brasileira.” (capturado em 22 de agosto de 2005 in: [http://: www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br))

Mesmo se tratando das estimativas publicadas no site da FUNAI, o fato é que, com o contato, uma grande quantidade de tribos desapareceu, juntamente com toda uma produção cultural, imagética ou não. Os estudos arqueológicos visam não só recuperar esta memória perdida, mas também resgatar hábitos, história, produção de artefatos e, principalmente, toda a relação destes povos com o seu meio.

A primeira questão ao abordar a produção de povos pré-cabralinos e arte indígena é considerar que a valoração dada a estes objetos segue parâmetros de nossa cultura e de nosso ambiente em relação ao estudo e observação do objeto recolhido. **Estes povos não dissociavam o belo do utilitário, o objeto produzido deveria conter, em seu todo, tanto os valores utilitários interligados, como valores considerados por estes como belo e ou cerimonial. A arte produzida por estes povos é mais representativa nas tradições do grupo do que nos valores do indivíduo em relação ao seu ambiente — depende de uma percepção de mundo do grupo, portanto, a noção que temos de autoria de uma determinada obra vem do grupo e não do indivíduo, como estamos comumente acostumados a vislumbrar estudando-se história da arte.**

Os estudos de povos que desapareceram antes da chegada dos colonizadores baseiam-se não só nos vestígios encontrados nos sítios arqueológicos, como também na observação de tribos contemporâneas e relatos dos europeus, recolhidos a partir do contato.

Fase Marajoara, Cultura Santarém e Tupiguarani

Antes da chegada dos colonizadores a cerca de 1100 a.C, na Ilha de Marajó no Amazonas, foram encontrados vestígios de ocupação humana de agricultores e ceramistas, onde se inicia uma ocupação que só encontrara seu término com a chegada dos colonizadores, a partir dos vestígios encontrados na ilha, as ocupações foram divididas em cinco fazes arqueológicas: **Anatuba (980 a 200 a.C.), Mangueiras (convivendo na mesma época com a Anatuba), Formiga (100 a 400 d.C), Marajoara (400 a 1380 d.C.) e Aruã (findada com a chegada dos portugueses, em 1820).**

A fase Marajoara é quarta na seqüência, apresentando uma produção cerâmica singular, com características existentes somente neste período de ocupação. A localidade onde se encontraram os objetos cerâmicos, é ao norte da ilha, em grandes **aterros artificiais**, talvez para fins habitacionais ou funerários. Foram encontrados nestes aterros, grandes urnas funerárias pintadas com decoração **incisa e exisa**, grande quantidade de estauetas, bancos, adornos para orelhas e lábios entre outros.

A modelagem e a decoração eram tipicamente **antropomorfas e zoomorfas** com abstrações de elementos de seu ambiente, de sua realidade, segundo Denise Pahl Schaan, em *Iconografia Marajoara: Uma abordagem estrutural*, temos:

“...entendemos que o grafismo pode representar o objeto real por sua estrutura e não por sua forma, o que depende exclusivamente de uma convenção entre os "interlocutores" nessa forma de comunicação visual. ...”

Existem nestas decorações estruturas figurativas que se decompõem em formas que se remetem à estrutura sintética da forma, isto é, contêm níveis de abstração, possivelmente as estruturas visuais contidas nos objetos não seriam uma forma de alfabeto mas sim uma linguagem visual de compreensão do grupo, fazendo parte de um repertório pertencente somente a estes e inseridos em seu contexto social.

O alto grau de complexidade técnica, formal e conceptual dos objetos encontrados, juntamente com as análises feitas nas áreas aterradas, mostra um alto grau de especialização, onde Darcy Ribeiro em *Historia da Arte Geral no Brasil* conclui:

“O requinte formal e a quantidade da cerâmica, e também a característica dos aterros, são todos indícios, pela soma de trabalho exigida, pela especialização implicada, pela importância das atividades cerimoniais, pelos padrões de organização espacial, de uma sociedade em processo de diferenciação e estratificação social.”

No médio Amazonas na região próxima à junção do **Rio Tapajós, com o Amazonas**, encontram-se assentamentos de uma cultura denominada **Santarena ou Tapajônica**, os vestígios mais antigos datam de cerca de 1000 a.C, e permanecem até meados do século XVII, que com o contato com os colonizadores acabou por perder suas características e desaparecer. Estes grupos possuíam um alto grau de organização, segundo Darcy Ribeiro em *Historia da Arte Geral no Brasil*, coloca:

“Dados obtidos por cronistas seiscentistas e posteriores permitiram completar as informações arqueológicas a afirmar a existência de um grau apreciável de complexibilidade na organização deste grupo: grande densidade de população, com aldeias de mais de quinhentas famílias; sistema de “ranchos” de 20/30 famílias subordinadas a um chefe, que por sua vez dependente de um chefe superior, presença de escravidão.”

A cerâmica encontrada nesta região divide-se em **policromadas e decoradas**, sendo a segunda a de maior complexidade técnica em sua confecção. Os motivos geralmente advêm da relação do grupo com o ambiente, como representações de homens e animais que habitavam a área, os vasos mais significativos possuem delicados adornos, que provavelmente dificultavam o manuseio. Supõe-se que seriam de ordem cerimonial, vasos com o corpo decorado com geometrias incisivas e cariátides ou alças ricamente decoradas com figuras de animais e homens, o que provavelmente eram feitas separadamente e anexadas depois ao objeto durante o processo de secagem antes da queima, o que necessita um alto grau de domínio técnico do material.

Nesta região, também encontraram-se pequenas estatuetas em cerâmica que provavelmente, faziam parte de algum ritual ou culto à fertilidade, mas alguns tipos de representação de estatuetas estão diretamente associados à diferenciação social no grupo. O fato é que, as estatuetas encontradas na região poderiam servir, dependendo da tipologia da modelagem e ou decoração, para funções diferentes no grupo, cabe aqui lembrar que como já mencionado anteriormente, **o desenvolvimento de uma comunicação visual é somente pertinente ao grupo onde este se desenvolveu, a leitura do objeto, sua função sua decoração plástica, possuíam um sentido e pertinência único para estes grupos.**

A partir da chegada dos europeus, estes tiveram contato com grupos indígenas aparentados entre si, que falavam as línguas **Tupi e Guarani**, e possuíam características em sua produção material semelhantes. Então convencionou-se chamar estes, de **tupiguarani**, isto não significa que tivessem ou tenham a mesma identidade étnica. Estes grupos se distribuíam por toda a fachada **atlântica do Brasil e áreas do interior que incluíam os atuais territórios da Argentina, Paraguai e Uruguai.**

A unicidade na tradição da produção cerâmica destes grupos é singular em todo o mundo pela quantidade dos grupos, abrangência territorial e temporal, a produção existente antes da chegada dos colonizadores é conhecida somente arqueologicamente, esta unicidade não se caracteriza por um padrão rígido normativo, existem variantes encontradas localmente em virtude de contatos com outros grupos ocasionando influências em ambos.

Dentro dos grupos tupiguaranis, é possível encontrar características na decoração de superfícies dos vasos comuns a todos: **Pintado, Corrugado, Escovado e Ungulado**. A produção abrange **urnas funerárias, objetos utilitários, machados líticos, pontas de flecha, tembetás**, entre outros.

Pensar que a história da arte brasileira se inicia com a chegada dos portugueses, é amputar de nossa história um membro formador de nossa identidade, de nossas raízes, é não ver que grupos que habitavam e habitam este país também possuíam alto grau de organização social, e sua produção imagética é tão pertinente a nossa sociedade quanto ao estudo da arte grega. Ver o índio ou o estudo arqueológico dos antecessores destes de forma simplista, é fechar os olhos para a diversidade cultural de um país com dimensões continentais, é extirpar uma parte formadora do “eu” brasileiro, é fechar os olhos para os verdadeiros donos desta terra.

Abrir os olhos para a pré-história brasileira, pré-cabralino e arte indígena, é entender também o legado destes povos, suas influências hoje, e, acima de tudo, entender a cultura de tribos remanescentes após a chegada dos europeus e lhes atribuir o verdadeiro papel em nossa história. Isto é preservar nosso patrimônio histórico cultural.

O texto aborda a produção cerâmica de grupos culturais existentes no Brasil, anterior a chegada dos colonizadores, e suas principais características.

Bibliografia consultada:

Martin, G. - Pré-História do Nordeste do Brasil, UFPE, 1996.

Pessis, A.M. - Pré-História da região do Parque Nacional Serra da Capivara. in: M.C.Tenório, Pré-História da terra Brasilis, Editora UFRJ, :61-74, 1999.

Prous, A. - Arqueologia Brasileira. Editora UnB, 1991.

Registros fotográficos realizados pelos autores, em 1999, em visita monitorada ao Parque Nacional da Serra da Capivara, com arqueólogos da Fundação do Homem Americano-FUNDHAM.

Consultoria para produção de modelo eletrônico e animação:

Paulo De Blasis (MAE/USP)

Bibliografia consultada:

Gaspar, M.D. - Os ocupantes pré-históricos do litoral brasileiro. IN: M.C.Tenório, Pré-História da terra Brasilis, Editora UFRJ, :159-188, 1999

Blasis, P.A. et alii - Some references for the discussion of complexity among the sambaqui Moundbuilders from the Southern Shores of Brazil. Revista de Arqueologia Americana, n. 15, Inst. Pan-americano de Geografia e Historia, Costa Rica, :75-105, 1998

In: <http://www.itaucultural.org.br/arqueologia/>

ZANINI, Walter.Org.História Geral da Arte no Brasil, Vol I. EditorSão Paulo : Instituto Walter Moreira Salles : Fundação Djalma Guimarães,1983. São Paulo